



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

No último número deixámos afloreada a hipótese de o mercado que se está a construir nas Rodas poder vir a transformar-se numa piscina. Sobre esta matéria (piscina) parece que não há unanimidade de pontos de vista por parte dos elementos da Junta. Quanto à Assembleia da Freguesia adivinhamos o resultado de uma possível sondagem: os afectos ao PSD votarão contra o projecto do mercado, enquanto o CDS (em minoria) apoiará as obras em curso a favor do mercado.

A pergunta mantém-se em suspenso: mercado ou piscina?

Por nós entendemos que ali deve ser construída qualquer coisa que ligue os moradores à terra de Fão. Há um facto a ter em conta: a anterior Junta, apoiada pela edilidade, havia determinado que aquele sítio fosse aproveitado para mercado. Só um caso de força maior, por exemplo, a certeza que se estava perante um erro crasso, de graves prejuízos para Fão, autorizaria a modificar o projecto inicial. Será esse o caso, isto é, a construção de um mercado naquele sítio, será de efeitos nulos ou contraproducentes para o progresso de Fão?

Repare-se que a zona de Ofir ou a zona da Praia, se preferirem, está a ficar sazonalmente super povoada: temos as Torres com centenas de habitantes; além das Torres existem três blocos habitacionais (com mais ou menos mau gosto) na avenida António Veiga (lado esquerdo, virado para o mar); depois

temos o parque habitacional nos terrenos que eram do Gandarela e outro (futuro) bloco da Zezinha Borda (ao que se diz).

Como tornar estes moradores úteis à terra? Pondo de parte ou suspendendo a opinião de alguns de que tais habitantes nada de proveitoso acrescentam à vila fangueira, dado que quando aqui chegam, já vêm devidamente municiados dos seus fornecedores, tais como os magusteiros, é de aceitar que um mercado na av. António Veiga, apoiado com lojas variadas, seria um chamariz irresistível. É preciso que nos habituemos à ideia que Fão está a crescer para o mar.

impensável: são milhares. Portanto, vamos para uma piscina de água fria. Por quanto tempo vai funcionar? Apenas no Verão. E quem vai frequentá-la? Depende do preço. Se de baixo custo, irá de início ter muita gente e depois só uma certa gente. Se o preço for alto, irá a outra gente. É será aquele local batido pelo vento o mais aconselhável? Não seria de preferir para piscina um local junto ao parque de campismo onde o vento é silenciado pela densidade das árvores ali existentes? Porque não explorar aquele buraco aberto à ilharga do parque para a extracção de areias? Local mais recolhido não

## MERCADO OU PISCINA

Para que lado correm os tempos? Dizem os «anti» mercados que o tempo destes está a acabar. Os supermercados estão a substituí-los. Será assim? Pelo menos nas cidades isso não acontece. Ali na vizinha Póvoa o mercado que é moderno e as lojas que o apoiam, apresentam-se e movimentam-se com grande actividade. Há lugar para todos. Os grandes mercados estão a enfraquecer algumas lojas dos arredores. No que diz respeito a Fão, tudo dependerá do próprio mercado, da sua «arte» de convencer, do seu «decor», das lojas que o entrosarão, do seu apetrechamento, etc., etc., etc.

Vamos agora colocar ali uma piscina. Antes de mais: água quente ou fria? a manutenção de uma piscina com água quente é

conhecemos. Como se vê, o assunto presta-se. As perguntas são muitas e as respostas não são definitivas. Entendemos que a decisão devia ser alargada à freguesia inteira.

*P.S. — Já depois de entregue este artigo na tipografia, realizou-se uma assembleia de Freguesia no dia 22.*

*Disseram-nos que em relação a este assunto se deliberou converter o mercado numa sala de congressos, tout court.*

*Presume-se que a sala venha a ter capacidade para mais de mil pessoas, pois para 300, 500 ou 700 já temos os hotéis do Pinhal e de Ofir.*

*Terá mais prioridade que uma piscina? That is the question.*

## NAS FESTAS DE FÃO A FORÇA DO BAIRRISMO

### IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS PERCORRERÁ AS RUAS DA VILA

A Comissão de festas do Senhor Bom Jesus de Fão, cujo mandato termina este ano, mantém-se firme na determinação de promover as tradicionais celebrações que têm o seu ponto mais alto, como habitualmente, no Domingo de Pascoela, contando com o bairrismo e devoção da população da Vila, sempre fiel à centenária festividade, do maior impacte na região.

Nas celebrações festivas, de 20 a 23 deste mês, prejudicadas pela aproximação das festas das Cruzes, no início do próximo mês, não faltarão bandas de música, importante referência cultural, entretenimentos diversos — a alegria da miudagem — dos carrosséis aos matraquilhos, para os mais variados «caça-moedas».

Está prevista ainda uma prova de canoa-gem, modalidade acarinhada pelos fangueiros, que conta já com dois atletas de alta competição, os quais seguem, com entusiasmo e disciplina, ambicioso programa de trabalho, preparando-se, possivelmente, para os próximos Jogos Olímpicos bem como um espectáculo musical, sempre apetecível, a proporcionar pela Tuna Académica de Coimbra.

Está previsto também um Rally Paper.

Quanto às marchas populares, os primeiros passos dão-se com compreensível hesitação, porque a organização dos respectivos grupos acarreta encargos e trabalho, empenho que nem sempre é devidamente considerado.

A Comissão de Festas quer chegar mais longe: deseja que a veneranda imagem do Senhor Bom Jesus percorra a Sua Vila no dia 6 de Maio, incluindo Ramalhão e Pedreiras, e as principais ruas de Fão. O andor será transportado por oito homens, devendo ser escalados turnos para o efeito; mais de duas centenas de opas serão entregues de porta em porta.

A soleníssima procissão, que carece de especial licença eclesiástica, costuma ser organizada de 10 em 10 anos. Os mais velhos se recordam, com emoção e nostalgia, das ruas atapetadas de flores, verdadeiras obras-primas de arte, geométricos jardins prolongados na via pública, concebidos com especial sensibilidade e devoção para o Senhor passar. Lembram-se ainda das janelas engalanadas das melhores colchas, religiosamente guardadas

para testemunhar acontecimento marcante no histórico da Vila.

Dada a fragilidade da secular imagem, ponto de referência obrigatório na devoção de todos os fangueiros, só sairá à rua se as condições meteorológicas o permitirem.

As despesas com a procissão, que contará com banda musical e fanfara, oscilam pelos 500/600 contos. Mesmo com a ajuda monetária autárquica, uma vez mais será necessário recorrer à colaboração dos fangueiros, sacrificados, reconhece-se, com sucessivos peditórios. Sem a sua devoção, generosidade e espírito bairrista não será possível a realização da Festa de Fão, nas suas vertentes festiva e religiosa. A primeira faz parte da tradição, a segunda será a expressão do sentimento religioso dos fangueiros, em que o Senhor de Fão é o símbolo cimeiro.

## Comissão de Festas em honra do Senhor Bom Jesus

Prezados Fangueiros e Amigos  
Devotos do Senhor Bom Jesus de Fão

A Comissão de Festas do ano transacto vem por este meio informar-vos de que pre-



## EMPRESA TURÍSTICA RESTINGA DE OFIR, LIMITADA

CERTIFICO (narrativamente) que por escritura de 8 de Fevereiro de 1990, exarada de fls. 29 v.º a fls. 32, do livro de notas para escrituras diversas n.º 20-F, do Cartório Notarial de Gondomar, a cargo da Notária Licenciada Maria Filomena Donas Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, os sócios da sociedade comercial por quotas sob a firma em epígrafe, com sede em Ofir, da freguesia de Fão do concelho de Esposende, matriculada na Conservatória do registo Comercial de Esposende sob o n.º 48, com o cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 501 462 791, FRANCISCO ANTÓNIO DOS SANTOS CARVALHO, cedeu as duas quotas dos valores nominais, respectivamente de 1.500.000\$00 e 700.000\$00, pelos preços de 25.000.454\$00 e 11.666.879\$00 a ANÍBAL FRANCISCO SARAIVA SOARES, e o sócio ARTUR DE SOUSA PEREIRA, cedeu a sua quota do valor nominal de 800.000\$00, pelo preço de 13.332.667\$00 à sociedade comercial por quotas sob a firma «MITUR - SOCIEDADE TURÍSTICA DO MINHO LIMITADA», com sede no Hotel do Pinhal em Ofir, freguesia de Fão, do concelho de Esposende, com o cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 501 628 754, com o capital social de 10.000.000\$00, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Esposende sob o n.º 207 ficando os cedentes desligados da sociedade, bem como da sua gerência:

ESTÁ CONFORME:

Cartório Notarial de Gondomar, nove de Fevereiro de mil novecentos e noventa.

A Ajudante,  
Assinatura ilegível



### Prémio Prof. Pio Rodrigues

O nosso conterrâneo e assinante Ramiro Capitão endereçou a seu familiar um cheque de 2000\$00 e a carta de que publicamos excertos:

«Junto um cheque para ser creditado na conta do prémio «Professor Pio Rodrigues», o mestre que fez mestres, o ditoso e inesquecível Professor Pio Rodrigues, inegalável na instrução primária. Com ele ganhei quatro prémios do melhor aluno na 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, ao tempo 2\$50, 5\$00, 20\$00 e

50\$00, respectivamente nos anos de 1944, 45, 46 e 47.

Sempre foi por ele o mais castigado aluno, pois a mim por considerar o melhor, não me admitia a mínima falta. Velhos tempos. Mas... desses professores não há mais. Fica apenas uma sombra em imitação após a sua morte. Senti como os seus mais queridos a sua morte prematura. Estava então por terras de África, a lutar pela vida, sempre baseado nos seus princípios que tão fertilizantes foram para eu ser alguém na vida».



**HOTEL DO PINHAL**  
OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (meddas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para rianças (bay-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).



# A COMPRA DA RESTINGA

Aníbal Soares diz-nos *porquê e para quê*

*Uma escritura tabeliônica dá-nos conta de que o local da Restinga pertencente ao Carvalho da Confiãça e outros, mudou de mãos. As actuais mãos são de Aníbal Soares.*

*A notícia vai surpreender toda a gente. Trata-se, com efeito, de um local paradisíaco, cercado de mar e rio, mas difícil para construção dado estar integrada na Área de Paisagem Protegida.*

*Com curiosidade em saber o destino que o novo proprietário vai dar aquele local, pusemos-lhe duas perguntas:*

a) *Porquê a prioridade em comprar esta área de terreno?*

b) *Que projectos tem para o local?*

*Eis as respostas:*

Primeiro haveria que defender o que neste caso se poderá entender por *prioridade*. Penso que a melhor palavra seria *oportunidade*.

Acontece que a ocasião se apresentou pela coincidência dos sócios da empresa Terrestre da Restinga de Ofir serem meus amigos desde há longos anos, se bem que as nossas diferentes actividades e distância dos locais de residência de cada um não nos permitissem ultimamente um assíduo relacionamento.

Quando ocasionalmente tomei conhecimento de que estariam na disposição de cederem as cotas da referida Empresa, rapidamente chegamos a um acordo para a cessação das mesmas.

Não se tratou pois exactamente da compra de um terreno, mas de uma transferência de participações sociais, ficando eu no entanto com o controlo sobre a área em causa.

Quanto à «prioridade», para empregar a palavra que utilizou na pergunta, está sobretudo em razões nostálgicas motivadas por um verdadeiro sentimento ecológico que tantos têm apregoado ao mesmo tempo que paracem desconhecer o verdadeiro sentido da palavra, já que sendo cultos e particularmente responsáveis promovem ou pelo menos tentam praticar os maiores atentados nas áreas que juram defender. Refiro-me particularmente ao sector da construção civil. Pelo menos aquele terreno privado com 100.000 m<sup>2</sup> acrescido da área de domínio público marítimo não será alvo de atentados ecológicos, antes pelo contrário farei todos os possíveis para impedir que intrusos continuem a deteriorá-lo como acontece com a maioria dos locais desta zona turística, especialmente na parte do Pinhal, que por estranhas razões não foi abrangido pela Área de Paisagem Protegida.

Voltando à tal «prioridade» e antecipando-me à pergunta que talvez ficasse implícita, ou seja, porque não terminar primeiro as obras do Hotel do Pinhal, lembrarei, como já deixei transparecer, que se não tivesse a capacidade de me decidir imediatamente, talvez a Restinga de Ofir fosse cair em mãos que, não direi já, mas, quem sabe mais tarde, não lhe dariam o destino que se pretende dar na generalidade ao Pinhal de Ofir.

Por certo concordará comigo, que é «bonito» os clientes do Hotel do Pinhal, puderem deliciar-se, tanto de longe como de perto com uma paisagem virgem e que assim continuará a ser: os comboios de betão armado não terão lá lugar, porque acima de tudo, eu sou contra eles.

Quanto às referidas obras do Hotel, a primeira parte encontra-se em fase de acabamento e, se não foram antes terminadas, foi

devido a uma série de razões, onde a irresponsabilidade e a incompetência de quem as iniciou prevalece.

Tivemos de chamar ultimamente profissionais mais conscienciosos e que, para além de corrigirem alguns erros dos primeiros, têm ainda uma qualidade superior.

Para testemunhar esse facto bastará perguntar ao projectista e supervisor dos trabalhos que se mantém o mesmo desde o seu início.

Digamos que agora estou c/ gente com quem me entendo melhor e que gostaria de dispôr para as seguintes fases do projecto.

Informo ainda que apenas disponho do máximo de 6 meses por ano para levar a efeito uma manutenção que durante mais de 25 anos nunca foi feita para além de naturalmente ter de corrigir uma concepção hoteleira com um quarto de século. Necessita pois de adaptações que tenciono levar a bom termo.

Passando à segunda pergunta que me fez, se bem que já favoravelmente respondida, poderia resumir a resposta no seguinte: o meu projecto na globalidade reside em manter a Restinga de Ofir como um lugar paradisíaco que sempre foi, retirando as lixeiras que lá existem, deixadas pelo campismo e sobretudo pelos pequiniqueros do domingo que, vindos de fora, deixam na terra fangeira a porcaria que não interessa levar para casa; não é uma crítica à presença dos sargaceiros que serão sempre bem vindos, nem aos poucos pescadores desportivos que ainda por lá passam.

Dada a sua privilegiada situação, visto tratar-se da Foz do Cávado, poderá vir a desenvolver-se ali actividades lúdicas interessantes que inclua desportos náuticos no Rio, praia concessionada do lado do mar e passeios a cavalo no centro do terreno, pois que nas dunas essa prática, como sabe, é proibida e muito bem.

Faço contudo um alerta público desde já, para os boatos, aliás parcialmente já em vias de se concretizarem, que constam da transferência de um esporão que existe nas praias da Restinga, para aumentar um outro mais a sul.

Será que é menos importante proteger um local onde a natureza se poderá manter, como é meu desejo, para proteger um outro que se destina apenas à construção, diminuindo portanto ao pinhal e até às dunas?

Deixo algo por dizer nesta entrevista, já que se trata por um lado de algo que não pretendo divulgar publicamente devido à tendência de plágio já amplamente demonstrada anteriormente e por outro lado acho conveniente deixar amadurecer a ideia que tem na Restinga apenas a sua origem mas não a sua principal concretização.

## VENDE-SE

### APARTAMENTO To

Completamente mobilado e decorado na

Rua dos Açores — VILA DE FÃO

Telfs. 053-961475

02-698454

02-6000295

## O «COMBOIO», AS «RODAS» A «CAIXA QUADRADA»

Já tivemos a ocasião de lamentar aquele corpo de edifícios que se está a erguer na alameda. O proprietário do terreno queria a maior rentabilidade, o arquitecto fez-lhe a vontade, a Câmara sancionou e a Junta não revelou sensibilidade nem ousadia para ripostar, para não conceder o seu *imprimatur*. Com certeza do outro lado vão fazer outro comboio e assim, à entrada de Fão, vamos ter uma gare ferroviária.

Que vão fazer ao «chalet»? Não digam que o vão manter de pé, agora que converteram o recinto numa estação de comboios. Em nosso entender está ali a mais, a não ser que um milagre de adaptação urbanística o integrasse na paisagem. Mas não. O *lê* não dá com *crê*. Não vemos como.

Mas há mais: junto ao mercado, do lado poente, levanta-se ou melhor, estende-se em medonha extensão uma caixa quadrangular. A princípio pensávamos que fosse para uma fábrica mas, pelos vistos não passa de um aglomerado de residências. Trata-se de uma construção sem leveza, sem airocidade, sem arrojo estilístico que tem por única preocupação exaurir do espaço o máximo de rentabilidade. O aspecto estético foi mandado às malvas. e tudo numa zona que já cheira a Ofir. A Câmara mais uma vez acedeu e a Junta, de mãos nos bolsos, proclamou «nihil obstat».

Agora mesmo, junto ou em frente às escolas Amorim Campos, que vemos nós? Está a construir-se uma série de prédios que autorizaram a encostar-se à estrada nacional. Não se trata já de uma questão estética mas de funcionalidade. A estrada nacional n.º 13, naquele sítio, não vai poder alargar-se. Devem ter pensado que a nova variante vai tirar muito movimento àquela estrada. Puro engano. Quem vinha para Ofir não deixará de vir.

Não sabemos. Se aqui a culpa foi da Câmara se foi da J.A.E. Se calhar foi das duas. Houve aqui um nítido erro de cálculo. A Junta mais uma vez não soube dizer não. E se ela tem força é exactamente a dizer «não».

Como em tudo não basta, porém, querer amar. É preciso saber fazê-lo.

## RETALHOS DE POESIA...

### CAMINHA, NÃO PARES, CAMINHA

*Os teus passos vacilantes  
Lembram labareda ao vento...  
Que queima, teus lindos sonhos  
No teu louco pensamento.*

*Firma os teus passos na terra,  
Caminha sem vacilar.  
Escolhe o trilbo, sem medo  
Na esp'rança de triunfar...*

*Caminha e leva na mão  
A chama da Liberdade  
Transforma as trevas em luz  
Dá-te com fraternidade.*

*Caminha, não pares, caminha.  
Acorda os que estão a dormir  
Sacode os que são indiferentes  
Para um mundo melhor construir.*

CECÍLIA DE AMORIM



# DE APÚLIA

**FUTEBOL** — Depois da tempestade, a bonança. Depois dos amuos, das suspensões e auto-suspensões, voltou a serenidade e o bom senso, atributos que nunca deviam deixar de imperar no espírito de grupo de uma equipa de futebol.

Com o regresso de algumas pedras influentes na manobra da equipa, voltaram os bons resultados e as boas exhibições. O Desportivo de Apúlia voltou também, assim, ao primeiro lugar, de parceria com o vizinho Fão, que é, sem dúvida, uma das melhores equipas das que militam na 2.ª Divisão Regional de Braga.

Como no «drama» do filho pródigo, também aqui os «transviados» foram muito bem recebidos pela Direcção, Treinador, colegas e, sobretudo, pelos sócios e simpatizantes, de quem aqueles atletas são a «coqueluche». Os mal entendidos, sem vitórias nem derrotas para ninguém, foram sanados, e com honra para ambas as partes. Ainda bem.

Como lição desta pequena tempestade, é de toda a justiça realçar o comportamento correcto (e firme) da Direcção do Clube, e de dois atletas, que nos pareceu exemplar, e impecável. Referimo-nos ao «Pinho» e ao Alfredo, dois apulienses que o mostraram ser a cem por cento. O «Pinho», pelo seu exemplo e dedicação, fugindo ou desprezando as «guerras» que os mais inflamados atearam pelos cafés, negando-se, certamente, a ser porta-estandarte, que não porta-voz, dos descontentes. Um «capitão» à altura. O Alfredo que, discretamente, com vergonha de ser notado, sempre disponível nas obras difíceis do Clube. Para ele, ser o terceiro no seu lugar, é secundário. Mesmo sabendo que só é chamado quando um dos outros dois se lesiona, como aconteceu recentemente com o Paulo Sérgio, o guarda-redes número um da equipa. Um **HOMEM** na verdadeira acepção da palavra, este Alfredo.

★

Os últimos resultados foram os seguintes: Roriz, 0 - Apúlia, 2; Apúlia, 1 - Gandra, 0; Louro, 0 - Apúlia, 3.

★

O guarda-redes Paulo Sérgio, que havia fracturado um dedo numa mão, já há dois jogos que dá o contributo à equipa. Também o Jorge Campos, irmão do Paulo Sérgio, já treina regularmente, depois de ter fracturado uma perna há cerca de três meses.

**CEDOVÉM** — Ao que parece, as «coisas» por Cedovém vão recompondo-se. Aplaudimos a decisão (que pode ser histórica para Apúlia se for levada por diante) tomada pela Câmara Municipal do concelho, de obrigar à legalidade nas construções clandestinas, a que fizemos referência no último número deste Jornal.

O que se tem passado ali (e nas Pedrinhas), não pode repetir-se. Está em jogo o património de toda a freguesia. Que não se aproveitem uns tantos da nossa franqueza e lhança de trato, para nos levar, de graça, o que é de todos. E muitos dos beneficiados nem sequer são de Apúlia.

**RANCHO FOLCLÓRICO** — Qualquer leigo na matéria se apercebe facilmente, que o nosso consagrado Grupo Folclórico (Sargaceiros de Apúlia), ultimamente anda um tanto desvirtuado daquilo que efectivamente representa. E isso não acontece só nas danças ou nas cantigas. Já se nota também nos trajes e, até na postura de alguns dos seus elementos. Há que arrepiar caminho e reconduzi-lo novamente às origens. Para isso será precisa alguma coragem e muito tacto, para não melindrar quem ali anda por amor à camisola.

Julgamos que a sua actual Direcção, com a integração recente das Senhoras D. Maria Emília Mariz Figueiredo, Prof.ª D. Clarinda Fernandes Cruz, e do Senhor Isidro dos Santos Reina, tem agora todas as condições para proceder a algumas correcções. Que talvez já vem atrasadas alguns anos.

Não é as pessoas que estão em causa; es-

sas, tanto as que dirigem ou dirigiam, como todas as outras que lhe dão vida, seja nas danças, na tocata, ou no coro, merecem todo o respeito de todos os Apulienses. É graças a eles, que Apúlia tem sido admirada nas «sete partidas do Mundo». Apúlia, tem para todos eles, uma grande dívida de gratidão.

**APÚLIA, NA RÁDIO, AO VIVO** — No passado dia 16 deste mês de Março, a Rádio Viana do Castelo, enquadrado no seu conhecido programa «Por Terras do Alto Minho», dedicou 2 horas de emissão, em directo à nossa terra, o que pensamos ser um facto inédito nos anais de Apúlia.

Nesse espaço de tempo, foram tratados (alguns até bem tratados), os seguintes temas: Texto Histórico, a cargo de uma locutora da Estação Emissora; A Autarquia — que projectos — a cargo do Presidente da Junta, senhor José dos Santos Fonseca; Actividade Eclesiástica — pelo Pároco, senhor Padre Manuel Alberto Gonçalves da Silva; Apúlia — que desporto — um tema que esteve a cargo do vice-Presidente da Direcção, senhor Manuel Correia Devezas; Guias de Portugal — que actividade — pela jovem Conceição Carvalho; os Sargaceiros e o Folclore — tema que esteve a cargo da senhora D. Cecília Rebelo, uma das fundadoras do Rancho de Apúlia, e da actual Directora, D. Maria Emília Mariz Figueiredo; A Câmara de Esposende e a Vila de Apúlia — entrevista com o Presidente da Câmara de Esposende, o apuliense, senhor Alberto Queiroga Figueiredo; o Mar e a Praia — a cargo dos irmãos Manuel e Agostinho da Silva Martins, nadadores e salvadores, e os principais responsáveis pelo salva-vidas local. Houve ainda uma entrevista com o actual Director da Estação Radio-Naval de Apúlia, e música e canções pelo Grupo Folclórico.

O programa, muito bem elaborado, teve de sofrer pequenas alterações à última hora, mas, mesmo assim, agradou, e não só pelo seu ineditismo, às muitas pessoas que acompanharam ao vivo, na Casa do Povo, e às que o sintonizaram em casa nos seus rádios.

## CÁVADO GENEROSO

O rio Cávado, outrora de águas tão límpidas é hoje verdadeiramente inquinadas, tem sido este ano muito generoso. Primeiro tem sido às lampreias. Apanham-se às caradas. Na foz é um fuge que te avias. Na estacada idem aspas. Numa noite já ficaram 160. Nos anos anteriores, trinta já era motivo para festa. Há quem avance o número de mil por noite. O preço é que não tem baixado em proporção. Os restaurantes vão embalados pelas tabelas anteriores e custa-lhes dobrar a cerviz. Moral da história: nem com abundância a lampreia se democratiza.

Também há a história dos eirões. Foram apanhados dois eirões que pareciam dois congros. Um, pescado no dia 18, pesava 2,5 quilos. Era fêmea. O macho foi conhecer a vitrina-aquário do Américo no domingo seguinte, ou seja, no dia 25. Pesava dois quilos e quatrocentas. Autores da façanha: os irmãos Fernando e Domingos Carneiro.

Será isto o cântico de cisne do rio Cávado.

## EX-FANFARRA

No último editorial, referente ao mês de Março, informamos que o material da fanfarras se encontrava à ordem do Chefe Miro. Informaram-nos mal. Com efeito os despojos da antiga fanfarras encontram-se à ordem do Pároco de Fão. O seu a seu dono.

# A GASTRONOMIA FANGUEIRA

Por QUIM DE FÃO

Terra ribeirinha, encaixada numa língua de areia, entre o mar e o rio Cávado, Fão sofreu ao longo dos tempos lentas mas profundas transformações no seu modus vivendi, nas suas profissões. Terra de emigrantes e pescadores desde tempos remotos, foi, no princípio e meados deste século, abalada por ventos do turismo e, implantada a praia de Fão, a terceira no país, fundada por três famílias figueirenses em 1914. A partir daí até aos nossos dias, foi-se sentindo uma lenta mas acentuada vivência comercial, voltada para a restauração. Em 1915 abre-se o primeiro Hotel em Fão, na Rua dos Banhistas, hoje Professor Pio Rodrigues, propriedade de um lisboeta, Santos Clímaco, atraído pela fama da praia e da existência de boas cozinheiras na região. Em 1925 este Hotel arde e algum tempo depois são inauguradas duas pensões — a do Cávado e a Fãozense — que se mantiveram abertas até aos anos 70. Em 1944 é inaugurada a primeira fase do Hotel Ofir. Nessa altura já a colónia balnear tinha conquistado Fão em número e qualidade, atraída pela boa cozinha fangeira e pelo espírito de simpatia e bem receber dos nativos.

O mar e o rio forneceram até há bem pouco tempo excelente peixe e marisco que as nossas donas de casa sabiam transformar em deliciosos manjares. O arroz-de-alguitar. A lampreia à Bordaleza e o arroz de lampreia, o frango de cabidela, tudo isto regado com vinho de pipa, deliciava multidões que, com antecedência, marcavam a mesa e o número de comilões. Havia-os para todos os paladares.

Contava o Tio Peixoto, pioneiro da restauração em Fão e onde nasceu a ideia de Ofir — dizia ele — que um padre, afamado na região por gostar de boa mesa, não se contentava com uma lampreia. Comia nunca menos de duas — uma de arroz outra à Bordaleza — regadas com a melhor pinga da região — o verde de outras eras.

Ao lado dos peixes e das carnes, competindo em fama e paladar, a doçaria fangeira teve as bênçãos religiosas na maternidade e cresceu no seio de vetustas senhoras que sem pensarem em grandes lucros, escravizaram a sua vida à volta do rolo da massa e do fogão a lenha, fazendo clarinhas ou pastéis de Fão — o mesmo artigo com nomes diferentes — cavacas e outras delícias açucaradas de fazer crescer água na boca.

Da realidade à lenda, as clarinhas chegaram até aos nossos dias na quarta geração, através de colaterais, já que a pioneira morreu solteira e com boa idade. Contava-se que uma jovem fangeira, foi em pequena educada em Santa Clara, no Convento das Clarinhas, talvez em Coimbra ou Vila do Conde. Já adulta regressara a Fão, em humilde artesanato, foi fazendo os seus pastéis de chila que dia-a-dia ultrapassaram as fronteiras da região, alargaram-se ao país, conquistaram prémios em concursos nacionais e já chegaram à Inglaterra com o nome de «conchas de Ofir».

Hoje as artesãs das Clarinhas multiplicam-se, estandardizou-se o produto; fabricam-se os pastéis de Fão, em puro artesanato e outros semelhantes no formato mas menos saborosos como tudo o que é pré-fabricado e se pretende em maior quantidade.

Se os estabelecimentos hoteleiros se multiplicaram, é pena que o património cultural fangeiro não seja protegido com apoios e publicidade como merece. Há ainda no coração de Fão boa mesa e bons doces e não é por acaso que, sobretudo nos fins de semana, a Avenida do Cortinhal se encontra repleta de carros a anunciar um bom dia de negócio nos restaurantes locais, nesta época do ano com a lampreia como prato de eleição e, quantas vezes, é o patrão o «pescador». Ao lado moram as clarinhas, os folhados, os travesseiros, as cavacas e tantos manjares do céu para bolsas de remediados que os preços não assustam.



# PÁGINA JOVEM

## PAUSA PARA SORRIR

**Olá, jovens! Já cá estão as férias da Páscoa! Oxalá que as notas sejam satisfatórias e que todos tenham uma Páscoa muito feliz.**

### GLORIOSOS TALHERES!

Por MARTA MARIZ MENDES

(Conclusão)

#### CAPÍTULO IV

#### FORAM PREMIADOS!

No outro dia, todos deram pela falta dos talheres e, não os encontrando, compraram outros.

Os talheres foram bem recebidos e todos sabiam do seu trabalho, graças a um talher «espião».


O chefe de todos os talheres disse que eles seriam premiados, fazendo-lhes os melhores elogios.

A «concha da sopa real» cheia de ouro líquido banhou-os e todos os talheres da aldeia deram vivas e bateram muitas palmas, pois o prémio de ouro líquido só o seu chefe e rei já tinha conseguido. E receberam o título de «Gloriosos Talheres de Ouro».

depois, os nossos amigos recuperaram das doenças que tinham e viveram felizes com todos os seus amigos.

FIM

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

### ERA UM JOVEM BOM

*Era um jovem bom  
Mas fugia de si mesmo  
Como em corrida louca  
Para se livrar da sua própria sombra  
Correu tanto, tanto...  
Depressa se esgotou e morreu.  
Nunca foi capaz de deixar de fugir  
Nunca conseguiu escapar da sua sombra.  
E era fácil libertar-se da sua sombra,  
Bastaria ter olhado para os outros  
E para as suas sombras.  
Bastaria ter-se perguntado  
Sobre a sua maneira de caminhar.  
Bastaria ter conseguido tempo  
Para dialogar com alguém.  
Bastaria ter descoberto  
A sombra de uma árvore  
E ter-se sentado ao seu abrigo.  
Bastaria não tentar fugir  
De si mesmo.  
Porque era um jovem bom.  
Caminha!  
Mesmo no deserto vai com amor.  
E semeia uma flor no caminho  
E cuida que ela cresça e seja bela.  
Se murchar ninguém, nem tu  
Lhe conhecerá o perfume.  
Mas se morrer, nascerá um jardim  
Onde as borboletas vão poisar,  
Onde os homens se vão encontrar  
Onde o sol vai gostar de permanecer  
Onde o amor vai passar a viver.  
Semeia uma flor no caminho  
E grita o teu canto  
De Alegria e de esperança  
Ao longo da caminhada.*

BELINA

Numa barbearia:  
Diz o barbeiro, tentando convencer o cliente, que é careca:  
— O senhor experimente esta loção! Não é cara e os efeitos são garantidos, vai ver!  
— Não, de maneira nenhuma! — responde o cliente.  
— Não percebo porquê a sua relutância em a experimentar — comenta o barbeiro com estranheza.  
— É que sou eu que a fabrico — esclarece, por fim, o cliente...

★

Num restaurante de luxo, a maçã que um cliente se prepara para comer está parcialmente podre.

Chama então o criado e diz-lhe, mostrando a maçã:

— Faça favor de dizer ao dono desta esplanca que a ementa tem um erro de grafia: — onde diz «frutas variadas», devia dizer: «frutas avariadas»...

★

Um aprendiz de caixeiro, muito novo, vai para uma mercearia aprender o ofício. O patrão vigia a actuação do moço.

A dada altura, entra uma cliente e pergunta:

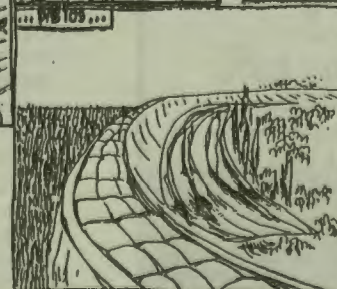
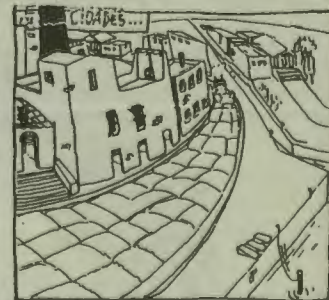
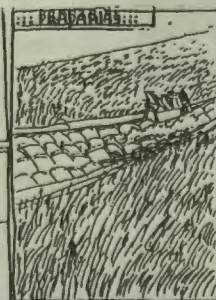
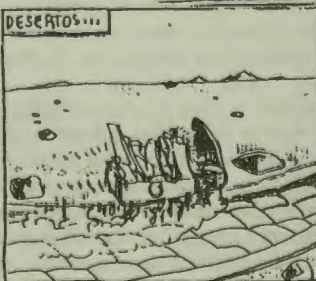
— Tem ganchos para o cabelo?  
O moço olha em volta, mas não vê os ganchos e responde: — não senhora. A cliente sai. O patrão repreende-o, furioso:

— Seu burro! Nunca se deixa ir um cliente embora assim! Não havia ganchos mas devias dizer à cliente que tinha travessas para o cabelo da melhor qualidade! Quando não se tem o que o freguês quer, tenta-se vender uma coisa parecida, percebeste? O rapaz assentiu.

Passado algum tempo, entra outra freguesa: — Tem guardanapos de papel? — O rapaz olha em volta, aflito. Não há. Então, responde, muito pronto:

— Não, senhora, não tenho. Mas olhe que tenho uma lixa fininha, da melhor qualidade...

(Continuado  
do número anterior)



(Continua)



# FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

• A contagem com gralhas, em que o nosso jornal é fértil, pedimos a leitura da verdade para o «Carnaval do nosso contentamento».

Assim, onde se lê «Neves I» deveria ler-se «Neves II»; e ainda onde se lê Torres deverá ler-se Porres, tal como vinha no leitreiro. Mais, onde se escreveu «pedimos um carpinteiro» deveria ter sido escrito «Perdemos um carpinteiro».

Desgraças da minha falta de confiança na máquina de escrever que continua a... errar.

• Fair Play significa aceitar com riso «sincero» a tendência fangueira para apontar o seu descontentamento através do carnaval, das rábulas de revista, do Quim e até de inscrições murais, mas com frontalidade e possibilidade de defesa que o jornal oferece.

É pena que isso não aconteça e os visados se aproveitem dos «lugares e dos telefones» para a ameaça. Isso chama-se «covardia ou cobardia». Esta doença que alastrou sob a forma epidémica, talvez por contágio, em determinada altura, tende a reduzir-se a zero. O tempo cura as feridas.

• No editorial do último número, falou-se da Fanfarra. Fizeram-se leituras torcidas, no meu ponto de vista. Eu sempre gostei da fan...farra. E da fanfarra também. Está desactivada. É pena. Foi sugerido pelo editorialista, que não eu, que ela fosse «parar» aos bombeiros de Fão. Quem dera! Seria uma forma de recolocar todo o dinmismo ao serviço da terra. Falta o tal Fair Play e esquecer desavenças; enterrar o machado de guerra e, lá porque o galo é outro, não vamos mandar às malvas os frangos.

Mas, se Fão não quer a nossa Fanfarra, por que razão não poderá ela ir parar aos Bombeiros de Esposende? Integrando jovens de cá e de lá? Afinal os nossos rapazes já estão habituados a mudar de clube... Desde que o treinador seja o mesmo, tudo será possível. Abandonar os instrumentos; deixá-los apodrecer na lenta humidade é penoso para quem gosta de jovens ocupados em tempos-livres e são... Uma ideia a pôr em marcha. Afinal o Chefe já atravessa a fronteira todos os dias...

Em alternativa, a Associação Cultural Fangueira tem uma palavra a dizer. A Fanfarra é uma actividade a não se deixar perder...

• Fomos penalizados, em relação aos últimos anos, nos subsídios oficiais, para as festas da nossa vila. Só nós, não. As três vilas sem Câmara.

Se há necessidade de apertar o cinto... então que o provérbio se justifique «ou comem todos ou não há moralidade». É que Fão recebe uns 300 contos e Espodende mil e quinhentos. Haverá assim tão grande diferença entre os dois festejos?

• As marchas das festas vão ensaiar, diz-se, o novo hino «O tempo volta p'ra trás».

• Em política» nunca digas, desta água não beberei».

• Só os académicos ou ingénuos é que acreditam no palavrório dos senhores do templo, não aceitando a mudança de opinião ou de partido, sobretudo quando se luta pelos interesses da terra e não do senhor A ou B. Quando o voto é útil, tudo é possível. Mas há coisas que custam a engolir... então não se seja político porque a política é mascarada de todas as cores como o camaleão.

• O 1.º domingo de Abril foi o dia do doce no concelho de Esposende. Mas que doçaria tem o concelho que não seja a de Fão? Se queremos um domingo gastronómico, melhor seria chamar-lhe o do Marisco «importado e congelado» ou então o da «vardadeira lampreia» do Cávado. E este ano que houve fartura delas, era de aproveitar a época, embora Abril já seja tarde.

De qualquer modo, que publicidade se fez ao doce fangueiro?

Tem mais dinâmica o «dia do bolo» em benefício disto ou daquilo que teve este da «doçaria», azedada pelo mau tempo.

• Desgraças! Ganhámos uma ponte. Perdemos visitantes. A nova «Ponte de Fão» que passa ou atravessa o Cávado entre Gandra e Fonte Boa, lá acima da «Abarrosa», não liga Fão a coisa nenhuma. Não temos acesso. Se quisermos alcançar a nova via que liga o Porto a Valença teremos de ir a Criaz ou a Palmeira. Soubemos que o antigo presidente da Junta lutou, tarde mas lutou, para que esta nova ponte não esquecesse Fão. Nada conseguiu. Veremos o que farão os actuais autarcas. Para já, estão a meter na ordem os esgotos que não esgotavam. As vaquinhas que atravessavam a ponte ficaram proibidas de atravessar a fronteira — foi-lhes caçado o passaporte. Só ilegalmente e arregaçando as patas o poderão fazer... a nado.

• A ponte velha, esta é mesmo nossa, vai ter outro passeio a ligar as duas margens. Voltado para a foz, para o pinhal, será uma delícia observar dali a paisagem e de binóculos — para os do Clube dos Espreitas — mirar os «tira-picos».

Já agora, a Junta de Freguesia poderia tentar arranjar ou mandar construir um acesso idêntico ao do poente — escadinhas — que facilitasse a descida para aquela zona de pesca e cais de embarque dos nossos pescadores.

• Também nos consta que vai ser prolongado o paredão nessa zona, numa extensão de duzentos metros. Um pouco mais e ia até à Junqueira. Ficaria uma boa zona de pesca desportiva. A projectar... e o Sérgio a ganhar. Aliás, á uma área a precisar de urbanização para lazer que procuraremos referir no próximo número.

• Os primeiros meses de trabalho da autarquia têm-se limitado a limpar a casa, o mesmo será dizer a vila.

Abrir e fechar buracos; limpeza de caminhos e de recantos que nais pareciam lixeiras e esboçar projectos mais ambiciosos. Será que os Presidentes vão cumprir as promessas eleiçoeriras? Para já uma novidade, digna de registo: As três habitações que ainda não tinham sido «acunhadas» vão ser vendidas por sorteio. Mas a quem? Aos pretendentes que tendo concorrido, não foram beneficiados ou a novos pretendentes, nas mesmas condições dos anteriores?

Fala-se em tempo de «vacas magras», nos subsídios, nas obras a realizar...

Mas o povo não escolheu um Presidente só para pagar dívidas e projectos já realizados ou a caminho de realização. Queremos obras! Queremos a zona da Junqueira, margem esquerda do Cávado, adaptada a zona de lazer, com campos de ténis; manutenção; marina, piscina e por que não um

restaurante ou casa de chá digna desse nome?

• A norte dos banheiros, entre as torres e o mar, já levou um arranjo. Barato mas para começar, nada mau. Falta-lhe colocar plantas que segurem a areia da duna primária.

• Os responsáveis pela área de paisagem protegida têm de arranjar um «pólcia» para vigiar os «porcos» que fazem do pinhal a retrete daquilo que não querem em casa. Em frente às torres, no caminho que dá acesso à piscina ou ao norte — Restinga — há um monte de calça, restos de tijolos e outras m... que devem ter sido ali depositadas pelos vizinhos. Será por habitarem em prédios de grande altura que podem despejar ao nível do chão aquela... (coisa feia)?

• Outros recantos do pinhal apresentam o mesmo aspecto. Só há uma solução: um vigilante autárquico e respectivo auto.

• Neste momento, estão em construção três prédios de grande densidade populacional: um na Alameda, outro na Estrada Nacional, em frente à Escola Amorim Campos e outro na Avenida da Praia. Que parques de estacionamento têm estes prédios? As caves? Alguém acredita que os locatários vão estacionar os seus carros nessas caves? A via pública vai tornar-se estreita e incapaz de suportar tantos automóveis.

## ANTÓNIO TORRES

*Tivemos o grato prazer de abraçar em Fão este nosso amigo que actualmente trabalha em Nantes - França.*

*Este conterrâneo já se sabe: em apanhando uma «aberta», lá vem até Fão. Desta feita aproveitou a vinda a Barcelos da equipa de hóquei em patins de Nantes para se integrar na comitiva como acompanhante ou mais como public-relations. Utilizou então um pequeno intervalo para ver a sua terra onde por breves minutos confraternizou com familiares e amigos.*

*O azar foi que o Nantes ou antes o seu guarda-redes foi buscar a bola ao fundo das malhas vinte e oito vezes enquanto o de Barcelos nem uma só vez teve que ir ao fundo das redes buscar a bola.*

*Volta mais vezes, cher Antoine.*

## OBRAS NO CEMITÉRIO

O empreiteiro adjudicatário de empreitada «Ampliação do Cemitério de Fão» foi autortizado pela Câmara Municipal a executar trabalhos a mais, além do plano inicial, pela quantia de 870 contos, mais IVA, após a sua inclusão no plano de actividades.

**A BRASILEIRA**  
PORTO



**Nós somos café**

**Longa Vida**



**o que é bom da natureza**



# II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA DENTARIA PREVENTIVA P O R T U G A L

1990

O f i r  
— 4 a 7 de a b r i l

SUPLEMENTO







# CONGRESSO OFIR

## PROGRAMA

### CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS

#### Dia 4 — Quarta-feira — Sala «Sopete»

14,30 — Conferência do *Prof. Dr. Fernando Peres* (Professor de Cirurgia Oral da F.M.D.P.).

«Luxação dentária: intrusão e extrusão. Aspectos preventivos e curativos».

15,00 — Conferência do *Dr. Alan Saxton* (Centro de Investigação Científica da Unilever - Londres).

«The influence of triclosan and zinc citrate in the control of plaque and prevention of gingivitis: a review of the clinical data triclosan - zinc citrat».

15,30 — Conferência da *Doutora Maria Daniel Vaz de Almeida* (Assistente de Nutrição e Saúde Pública do Curso de Ciências da Nutrição do Porto).

«Saúde Oral — a perspectiva do Nutricionista».

16,30 — Conferência do *Prof. Doutor Campos Neves* (Professor de Ortodôncia da Faculdade de Medicina Dentária do Porto).

«Será possível prever o futuro imediato na área ortodôntica?».

17,00 — Conferência do *Prof. Doutor Gerardo Baciero* (Professor de Odontologia Preventiva e Comunitária da Faculdade de Odontologia de Bilbao e Presidente da Sociedade Española de Odonto-Estomatologia Preventiva y Comunitária).

«SIDA: a clínica dentária depois do HIV».

17,30 — Conferência do *Prof. Dr. Adão Pereira* (Professor de Dentisteria Operatória da F.M.D.P.).

«Perspectivas da Medicina Dentária em Portugal para a década de 90 e os objectivos da Organização Mundial de Saúde».

#### Dia 5 — Quinta-feira — Sala «Sopete»

14,30 — Conferência do *Prof. Dr. Norman Whitehouse* (British Dental Association Secretary).

«The development of preventive dentistry in the United Kingdom».

15,00 — Conferência do *Dr. Gennady Pakhomov* (Director of the Oral Unit of WHO - Geneve).

«WHO programme for oral health».

15,30 — Conferência do *Prof. Dr. Michael J. Till* (Chairman of Pediatric Dentistry - Faculty of Dentistry University of Minnesota - USA).

«The no-cavity approach to prevention».

16,30 — Mesa Redonda - moderador: *Dr. Acácio Jorge*. Tema: «Saúde Oral anos 90». Participantes: *Prof. Doutor Hamilton Bellin* (Professor de Periodontologia da Faculdade de Odontologia de Jundiaí, Universidade de S. Paulo, Brasil). *Prof. Doutor Michael Loupe* (Sociologist, Director of Educacional Research, Planning and Development, Dentistry School, University of Minnesota - USA). *Dr. Gennady Pokhomov* (Director of the Oral Unit of WHO - Geneve). *Prof. Dr. Norman Whitehouse* (British Dental Association Secretary). *Prof. Doutor Michael J. Till* (Chairman of Pediatric Dentistry - Faculty of Dentistry University of Minnesota - USA). *Prof. Doutor Gerardo Baciero* (Professor de Odontologia Preventiva e Comunitária da Faculdade de Odontologia de Bilbao e Presidente da Sociedade Española de Odonto-Estomatologia y Comunitária).

#### Dia 6 — Sexta-feira — Sala «Sopete»

14,30 — Conferência do *Prof. Dr. Clarimundo Emílio* (Professor de Dentisteria Operatória da E.S.M.D.L.).

«O dique de borracha na prevenção de lesões iatrogénicas».

15,00 — Conferência do *Prof. Doutor Hamilton Bellini* (Professor de Periodontologia da Faculdade de S. Paulo, Brasil).

«Cárie rampante nas crianças».

16,00 — Conferência da *Dr.ª Marianela Azevedo* (Directora do Serviço de Imunoalergologia do H. S. João).

«Prevenção imunoalergológica em saúde oral».

16,30 — Conferência do *Dr. J. Caballero Garcia* (Médico Estomatologia, Secretário Geral da SEOEPYC Professor Colaborador de Odontologia Preventiva de la Facultad de Medicina y Odontologia de Bilbao).

«Gerodontologia».

17,00 — Conferência do *Prof. Doutor Michael Loupe* (Educational Psychologist, School of Dentistry, University of Minnesota, USA).

«The role of expectations in compliance with preventive prescriptions and with satisfaction with dental care, an educational experiment».

17,30 — Conferência do *Prof. Doutor Ernesto Smyth* (Professor del Departamento de Medicina Preventiva y Salud Pública de la Facultad de Medicina de Santiago de Compostela).

«El diseño de un programa preventivo para la población escolar del medio rural de Galicia».



**Dia 7 — Sábado — Sala «Sopete»**

9,30 — Conferência do *Dr. Acácio Jorge* (Assistente de Medicina Dentária Preventiva, fundador Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Saúde Oral).

**«Saúde Oral no Ensino Básico — Campanha 89/90».**

10,00 — Mesa Redonda - moderador: *Dr. Jorge Bouça* (Psiquiatria). Tema: **«O ambiente na relação dentista/paciente»**. Participantes: *Dr. Jorge Bouça* (Assistente Hospitalar do Centro de Saúde de V. N. de Gaia). **«O ambiente na relação dentista/paciente. Sua importância na prevenção»**. *Dr. Sebastião Torres* (Assistente Hospitalar do Centro de Saúde de Penafiel). **«Aspectos motivacionais na relação dentista/paciente»**. *Dr. Aníbal Fontes* (Assistente Hospitalar do Centro de Saúde de Viana do Castelo). **«Como manejar as relações dentista/paciente. Algumas noções sobre a estratégia»**.

11,00 — Conferência do *Prof. Doutor Valdemar Vertuan* (Professor de Odontologia Preventiva e Sanitária do Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia do «Campus» de Araracuara - UNESP — S. Paulo-Brasil).

**«Aplicação de selante oclusal associada a flúor tópico».**

11,30 — Conferência do *Dr. João Carvalho* (Presidente da Comissão de Ligação da C.E.E.).

**«Perspectivas após a directiva para integração de profissionais vindos de países terceiros (fora da C.E.E.)».**

12,00 — *Prof. Dr. Desport Marques* (Presidente do Congresso, Professor de Medicina Dentária Preventiva da F.M.D.P., fundador e Presidente da Associação Portuguesa de Saúde Oral).

**«Estudo das condições de saúde oral da população do Porto nascida entre 1950-59. Perspectiva socioecológica».**

**Sexta-feira, 6 de Abril**

9,30 — *Dr.ª Maria do Rosário Mexia*, Médica Dentista; *Dr. António Amorim Afonso*, Médico Dentista. **«Prevenção de lesões iatrogénicas em medicina oral».**

9,50 — Estibalis Garcia\*; Idoisa Perez\*; Irache Rueda\*; Manuel Etxabe-Krugwig\*.

\* Alunos Finalistas de la Facultad de Medicina y Odontologia de Bilbao.

**«Estudio comparado de habitos en higiene oral en escolares de centros privados y publicos».**

10,10 — Vasco Carvalho\*; Estela Gutierrez Fernandez\*.

\* Alunos Finalistas da Faculdade de Medicina Dentária do Porto.

**«Um caso de auto-transplante dentário».**

Café.

11,00 — *Dr. António Felino*, Médico Dentista, Assistente de Cirurgia Oral da Faculdade de Medicina Dentária do Porto; *Dr. Sampaio Fernandes*, Médico Dentista, Assistente de Prótese Fixa da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. **«Prevenção de complicações dentárias provocadas por dentes supranumerários».**

11,20 — *Dr. Carlos Silva*, Médico Dentista, Assistente de Odontologia da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. **«Dias-tema mediano».**

11,40 — *Dr. J. Caballero Garcia*, Médico Estomatologo - Bilbao, Professor Colaborador de Odontologia Preventiva da Faculdade de Medicina y Odontologia de Bilbao. **«El Anciano y la salud oral: habitos y motivación».**

★

★

**COMUNICAÇÕES LIVRES****Quinta-feira, 5 de Abril**

9,30 — *Dr. António Korrodi Ritto*, Médico Dentista - Leiria. **«Testes bacteriológicos: outro método de motivação»** (Doc. 20).

9,50 — *Dr. João Carvalho*, Médico Dentista, Assistente de Cirurgia Oral da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. **«Controlo metabólico do diabético e tratamento dentário».**

10,10 — *Dr. Manuel Fontes de Carvalho*, Médico Dentista, Assistente de Endodontia da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. **«Médicos dentistas — o antes e o depois».**

Café.

11,00 — *Dr. Jorge Perdigão*, Médico Dentista, Entroncamento. **«Restauração preventiva — casos clínicos».** (Doc. 21).

11,20 — Imaculada Santurtin\*; Julia Perez Caballero\*; Itsiar Mendisabal\*; Monica Olaeta\*; Jesus Lopez\*.

\* Alunos Finalistas de la Facultad de Medicina y Odontologia de Bilbao.

**«Resultado de una encuesta de los habitos de higiene oral en un colectivo escolar publico».**

11,40 — *Prof. Dr. Manuel Figueiredo*, Professor de Parodontologia da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. **«Atitudes sobre dentes decíduos com vista à prevenção de parodontopatias no adulto».**

**PROGRAMA SOCIAL****Quarta-feira, dia 4**

9,00 — Entrega dos Documentos; 9,30 — Abertura da Exposição; 20,00 — Jantar de Abertura oferecido pela *Pepsodent* na Estalagem Zende. Actuação do Grupo dos Cavaquinhos.

**Quinta-feira, dia 5**

12,00 — Cerimónia de Abertura Solene do Congresso. Ao longo do dia, sorteio dos participantes no Torneio de Bowling - Prémio Lever; 15,00 — Autocarro à disposição dos acompanhantes para passeio à Feira de Barcelos, oferecido pela Região de Turismo do Alto Minho; 21,00 — Jazz: Claus Nymark; 22,00 — Torneio de Bowling — Prémio: 1 viagem a Londres para 2 pessoas, oferta da *Lever*.

**Sexta-feira, dia 6**

20,00 — Jantar na Estalagem Zende, oferecido pela *Socodente*. Actuação do Orfeão do Porto.

**Sábado, dia 7**

15,00 — Passeio ao Alto Minho com visita a unidades de Turismo de Habitação; oferecido pela Região de Turismo do Alto Minho; 20,00 — Jantar de Encerramento: Arraial Minhoto na Quinta do Santinho, oferta da Associação Portuguesa de Saúde Oral.

Durante os dias de Congresso, o Hotel Ofir\*\*\*\* põe à sua disposição a piscina, o bowling, os bilhares e a discoteca.

Ofir dispõe de uma praia espectacular, onde poderá gozar a paisagem magestosa das águas do Atlântico e das imensas dunas de areia fina.



# ESTALAGEM ZENDE

Apoiada pelo grande Restaurante

## MARTINS - ZENDE

onde se realizam todos os meses  
as famosas festas do marisco

**GRANDES SALÕES DE FESTAS • PROCURE CONHECER**

Telef. 961855/6

**ESPOSENDE**

# PEPSODENT <sup>GENGIVO-ACTIVO</sup> G



# A ILEGALIDADE

**Q**UANDO há um ano, neste mesmo Congresso, se deu voz alta a este tema, estava longe de pensar até onde ia o gigantismo do mesmo.

Não chegava a constatação da situação tristemente histórica e já se começava a levantar a lebre dos estrangeiros.

Agora, que temos?

Que se saiba, a presunção da existência de 1500 portugueses ilegais, é um facto. Os 2000 estrangeiros (quase todos brasileiros) estão mais que confirmados.

É pública a minha preocupação em denunciar e contribuir para resolver esta situação. Não tem sido fácil contudo, porque se trata de problemas distintos na sua génese mas com as mesmas nefastas consequências.

Considero o caso de Portugueses, um mero assunto de Polícia. Não posso aceitar, e sempre o tenho dito, que um Estado de Direito permita a prossecução do crime sem punição. Sabe-se da existência de redes, bem montadas, que manobram junto desses indivíduos com a argumentação de lhes conseguirem a legalização e, pelo que se depreende do triste Despacho 3/90 da também triste Senhora Ex-Ministra da Saúde, talvez tenham encontrado eco no Ministério! Como é possível admitir que pessoas sem mais elementares noções do que é um doente possam ser vestidos com a farda de prestadores de saúde? Como é possível que isso aconteça em 1990 num País Europeu com pretensões a uma integração plena no leque dos Estados mais desenvolvidos no Mundo? Atrever-me-ia a dizer que nem Samora Machel (com todo o respeito que a sua memória me merece), seria disso capaz!

Oxalá prevaleça o bom-senso e o Dr. Arlindo Cunha queira ver o que é evidente, não deixando avançar um processo que além de ferido de enorme ilegalidade e muito escuro na sua génese, constitui uma frontal agressão à dignidade do Licenciado em Medicina Dentária, ao Ensino Superior Português e, sobretudo à saúde dos cidadãos.

Quanto aos Estrangeiros, o problema é diferente... Embora ilegais também, alguns há entre os 2000, que possuem conhecimentos cuja equiparação aos dos Portugueses é da responsabilidade das Faculdades.

Estes personagens, contudo, estão a trabalhar abusivamente já que se instalaram nos mais diversos locais sem terem a sua situação legalizada nem terem pedido, sequer conselho a ninguém. Jogaram na política do facto consumado.

Humanamente, há que reconhecer que alguns cá estão há anos, têm filhos Portugueses e quase se consideram incluídos na nossa Sociedade. Há pois que ter isso em conta.

Penso que é de considerar a hipótese de dar algum benefício aos, pouco mais de 200 que pediram a equivalência ao Curso Português. Pelo menos deram a cara! Não quer isso dizer que haja facilidades. A dignidade dos Estudantes não o permitiria! Por isso entendo que com o rigor das Universidades na concessão da equiparação e com a certeza da fiscalização séria e imparcial da Ordem de Médicos, haverá tão só que solicitar aos responsáveis políticos a aceleração, com prazo estipulado na resolução a dar aos processos pendentes.

Resolvido isso, haverá que actuar rigorosa e implacavelmente sobre todos os outros, nos mesmos moldes dos portugueses, e prevenir todos os cidadãos brasileiros que queiram exercer em Portugal que só o poderão fazer após ter obtido, através da missão diplomática portuguesa no Brasil, a sua equivalência. Isto é, nenhum brasileiro poderá ter autorização de exercício se ao entrar em Portugal não possua já a sua equivalência ao Curso Português!

Na minha óptica esta é a única solução possível para que não sejamos aqui, também apelidados de cidadãos de uma «República das Bananas».

Porto, Abril de 1990

MANUEL FONTES DE CARVALHO

- Membro da Direcção da Secção Medicina Dentária
- Membro da Comissão de Formação de Médicos Dentistas da CEE
- Membro da Delegação Portuguesa do Comité de Liaison da Arte Dentária da CEE
- Assistente da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE MEDICINA  
DENTÁRIA

Desde o início do século que no sector da saúde Portuguesa havia uma lacuna profunda. A falta de Dentistas com formação orientada era uma necessidade premente. Contudo, optou-se, na altura, por dar especialização aos licenciados em Medicina. Assim apareciam os Médicos Estomatologistas que asseguravam sozinhos o exercício na Medicina Oral até 1979.

Com a transformação política de 1974, Portugal passou a ter condições para a criação de Escolas Superiores de Medicina Dentária, a exemplo de quase todos os Países Europeus evoluídos.

Tal veio finalmente a acontecer e por determinação governamental é criada em 1975 a licenciatura em Medicina Dentária em Lisboa e, posteriormente, no Porto.

Curiosamente é no Porto que começa a funcionar em 1976 o primeiro curso de Medicina Dentária e os primeiros licenciados portugueses (20 ao todo) são diplomados aos 23 de Junho de 1979.

No dia 6 de Janeiro de 1989 é criada pelo Decreto-Lei 10/89, a Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (FMDUP), a primeira do País que assim sucede à Escola Superior de medicina Dentária do Porto.

Em constante evolução tecnológica e científica, a Faculdade de Medicina Dentária do Porto, licenciou até 1989 cerca de 80% de todos os Médicos Dentistas Portugueses, cujas habilitações profissionais são reconhecidas internacionalmente como das mais avançadas na Europa.

Com a transferência para o novo edifício, em vésperas de iniciar a construção, espera-se que o nível de formação concedido na FMDUP suba ainda mais. Pois vai ser possível ministrar, em boas condições, os cursos de Pós-Graduação já programados, que irão contribuir decisivamente para o aperfeiçoamento dos nossos jovens docentes, na sua maioria recrutados entre os novos licenciados.

Se não faltar o apoio estatal e o entusiasmo não esmorecer, estamos certos de orgulhosamente afirmarmos que está assegurado um lugar de luxo entre todo o Ensino Superior Português.

*Assim será certamente!*



# ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número 69)

(CAPÍTULO V)

Ao chegar à Roça, minha mulher esperava-me com ansiedade. Ela tinha tido conhecimento da fuga dos Kaiakas e preocupava-a a possibilidade de os nativos exercerem represálias sobre ela e filhas.

Logo que saí do carro, dirigi-me para a residência, onde a minha mulher me perguntou o que é que tinha dito ao Chefe. «Ele não quer acreditar», respondi-lhe. «No fundo ele sabe perfeitamente que o homem foi assassinado mas recusa-se a acreditar, só porque isso lhe vai dar muito trabalho».

«E tu para que te estás a meter em sarilhos?», adiantou minha mulher. «Abandona o caso e pronto. Não vês que o sr. Fausto e a família estão para Quanda e nós estamos aqui sozinhos? Tu saís para ver os trabalhos e eu e as meninas ficamos aqui sozinhas. Tenho medo».

«Socega mulher», respondi. «Amanhã vou dar ordens para enterrar o corpo e dar este caso por encerrado. Afinal o que é que eu posso fazer sozinho? Quando as autoridades não estão para se ralarem...»

Naquela noite pouco dormi. Não podia afastar dos meus pensamentos que um homem fôra assassinado e que os assassinos continuavam livres e impunes. Amanhã tornariam a repetir a façanha. Não! Isto é inconcebível. Afinal o que é que nós estamos a fazer em Angola? Depois os meus pensamentos iam para o Manuel Corage, bárbaro e sanguinário. Ele não devia estar alheio a este homicídio. Ainda há pouco tempo se tinha tido conhecimento de que por qualquer razão que não chegou ao conhecimento dos brancos, ele tinha amarrado a mulher a um tronco de uma árvore sentada no chão e com as mãos atadas atrás da árvore. As pernas estavam amarradas a esta-

cas para as manter abertas e assim a teve horas em exposição toda nua. Este selvagem é capaz de tudo, meditava eu. Ele já há muito que deveria estar preso, mas as autoridades alegavam que nós temos de respeitar as tradições deles. A mulher do Corage queria deixá-lo, só que isso nos indígenas não era fácil, pois o marido tinha pago pela mulher o alambamento à família e, como tal, ele era dono e senhor.

Ao outro dia, pelas sete horas da manhã, depois de ter tocado o sino, os bailundas formaram para um novo dia de trabalho depois de lhes ter sido destinados os serviços respectivos. Às oito horas fez-se a formatura dos voluntários, muito mais pequena, pois os trabalhadores do Kaiaka não compareceram ao trabalho. Depois o empregado europeu seguiu com os homens para os trabalhos agrícolas.

Entrei em casa, tomei o pequeno-almoço e peguei numa arma caçadeira. Entretanto a minha mulher perguntou-me se não ia levar as meninas à escola. «Não», respondi, «elas hoje fazem-te companhia. Estudem em casa». Dispunha-me a sair quando minha mulher se aproximou de mim, tomou as minhas mãos, fitou-me por momentos, depois disse-me: «Tem cuidado, nós precisamos de ti». «Não te preocupes», respondi, «daqui a uma hora já cá estarei». Saí para fora onde o Soba e o velho me esperavam. Chamei o enfermeiro Lourenço que compareceu de imediato. Este acudiu à chamada.

Muito embora fosse perto, preferi ir de carro. Os homens subiram e arranque. À porta de casa minha mulher fez-me um aceno, ao qual correspondi.

Pouco depois de termos saído da Roça, antes um pouco de chegarmos ao povo Kaiaka, havia uma picada à esquerda que seguia para a Fazenda Maria Helena. Segui-a com o carro e pouco depois o Soba mandou parar. «É

aqui». Saímos do carro e o Soba encaminhou-nos por uma vereda através da floresta. Caminhamos cerca de cinquenta metros, indo o Soba à frente. De repente parou e disse: «Está aqui!» Adiantei-me ao grupo e deparei com um corpo em decomposição, com uma pequena mala a seu lado. Tapei as narinas devido ao mau cheiro, virei a cara e chamei o enfermeiro. «Lourenço, eu vou retirar-me, e tu com a ajuda dos velhos vê se viras o corpo e se encontras sinais de ter sido esfaqueado». Enquanto o enfermeiro se dispunha ao trabalho, eu retirei-me, pois não podia suportar não só o cheiro, como o espectáculo em si. Eu sabia perfeitamente que o enfermeiro, sendo um preto, podia encontrar o corpo esfaqueado que nada dizia logo que no fim lhe pagassem uns copos de vinho. Mas eu já não me preocupava com nada. O que queria, sim, era dar aquele assunto por encerrado, pois caso contrário, ainda me traria muitos amargos de boca. Dali a momentos gritou o enfermeiro: «Sr. Ramos, o corpo está todo podre. Ao mexer-se nele, desfaz-se. Não se consegue ver nada». O cheiro era agora muito mais forte. «Lourenço», chamei eu, «anda embora, os velhos que fiquem a enterrar o corpo». O enfermeiro veio ao meu encontro e seguimos no carro para a Roça.

Eu sabia que não seriam os dois velhos a enterrar o corpo mas sim, todo o povo que por certo estaria a presenciar tudo escondido na mata.

No caminho para a Roça adverti o enfermeiro: «Eu sei muito bem que eles mataram o Francisco, vou dar o caso por encerrado e não se fala mais nisso porque não quero criar problemas aos Kaiakas, que é um povo aqui vizinho e que sempre nos demos muito bem. Mas tu que falas com eles e que bebes com eles, eu só quero saber porque é que o mataram. Eu não levanto mais problemas, mas tenho que saber o porquê».

«Está bem sr. Ramos, eu vou saber», respondeu o enfermeiro.

(Continua)

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

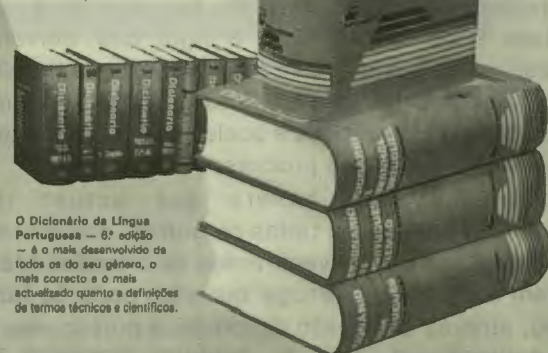
Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser actualizada com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também actualizada quanto a definições de termos técnicos e científicos.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 305/4098 PORTO CODEX  
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 8-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8 A/1200 LISBOA



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



B. *Os solos mais apropriados são os arenosos. Em tais terrenos obtêm-se os mais elevados rendimentos tanto para as variedades precoces como para as serôdias. Em bom rigor, as terras areno-argilosas, ricas em húmus e sãs, são as que dão os melhores resultados.*

## Preparação para o terreno

O terreno deve ser perfeitamente mobilizado com *uma lavoura profunda que o deixe bem permeável*. Numerosas experiências permitem deduzir que *os rendimentos são muitas vezes proporcionais à profundidade da lavoura*.

*Os solos mais pesados serão trabalhados antes do Inverno para que possam adquirir uma melhor estrutura; a lavoura será a 30 centímetros. Na Primavera o terreno é gradado a uma boa profundidade.*

*As terras francas são igualmente lavradas antes do Inverno mas as mais ligeiras devem-no ser na Primavera.*

*A batateira é uma das espécies que mais pode aproveitar da aplicação de estrumes. Esses estrumes, porém, devem estar bem decompostos no momento propício, de modo que as plantas possam absorver proveitosamente as matérias nutritivas que eles contêm. Assim, recomenda-se enterrar o estrume em lavoura de Outono.*

O emprego do estrume enriquece o solo em húmus, aligeira-o e aquece-o. *Na sua decomposição liberta anidrido carbónico (CO<sup>2</sup>) que serve também de alimento das plantas. A batateira assimila com facilidade as substâncias nutritivas que os estrumes contêm.*

*Nos solos leves, as adubações verdes podem também dar excelentes resultados. Estes, porém, dependem:*

a) da escolha da planta a enterrar que deverá ser de preferência uma leguminosa;

b) da quantidade de água que cair durante o período Outono-Inverno;

c) do momento exacto da lavoura de enterramento e de modo como este é feito.

## CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

A. *Os solos argilosos e pesados são pouco indicados para a cultura da batata por darem rendimentos mais baixos do que as terras ligeiras. Esses terrenos são, economicamente, mais adequados aos cereais, leguminosas, etc. contudo, os tubérculos provenientes de terras desse tipo têm, em geral, um gosto excelente e cosem bem.*

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas  
Sementes Horticolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812199 ..... BARCELOS

A combinação da adubação verde e da estrumação dá resultados muito vantajosos.

Além dos adubos orgânicos já registados (estrumes e adubos verdes) aplicam-se, na cultura da batateira, *fertilizantes químicos ou minerais. São os adubos azotados, potássicos e fosfatados.*

Embora só uma análise da terra permita determinar com verdadeira exactidão o teor de fertilizantes a aplicar pode dizer-se, duma maneira geral, que os solos mais argilosos têm, como regra, mais necessidade de adubos azotados do que potássicos. Os restantes necessitam *tanto do azoto como da potassa. Todos exigem ácido fosfórico.*

*O emprego de adubos azotados e potássicos depende bastante da quantidade de estrume enterrado, uma vez que este contém aqueles dois elementos.*

## Períodos de ocupação do terreno

Em Portugal *podem fazer-se sementeiras durante quase todo o ano, conforme a região e as condições do solo, humidade, temperatura e o maior ou menor perigo de geadas, factor limitante da cultura sob o ponto de vista económico.*

*Com excepção dos meses de Outubro e Novembro todos os restantes são meses de sementeira, a saber:*

Dezembro — sementeiras no Algarve, em Odemira e «Outra Banda» para primores;

Janeiro e Fevereiro — sementeiras temporãs a sul do Tejo;

Março — sementeiras no Oeste, Ribatejo e Beira Litoral;

Abril — Norte Litoral e regiões temperadas das Beiras e Trás-os-Montes;

(Continua na pág. 10)

# Basta<sup>®</sup>

## a melhor alternativa

Herbicida total


Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex  
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379  
Apartado 1311  
4201 Porto Codex  
Telefone 66 70 51

Hoechst — um amigo  
na agricultura

Hoechst 



# BATATA - SEMENTE

VARIETADES COMERCIALIZADAS EM PORTUGAL

- LOLA — Precoce, amarela, muito boa qualidade culinária  
 ROSALIE — Vermelha, semi-precoce, boa conservação  
 APOLLO — Muito precoce, amarela, boa apresentação  
 CLAUSTAR — Semi-precoce, amarela, boa conservação



- COMPARE A QUALIDADE
- COMPARE O RENDIMENTO
- PRODUZIDA EM FRANÇA

(Continuado da pág. 9)

Maio, Junho e Julho — regiões frias planálticas;

Agosto e Setembro — segundas plantações nos regadios ao sul do Tejo para colheitas no Natal e obtenção de «sementes» para a plantação de primores.

A batata ocupa o terreno durante três a cinco meses consoante as variedades e assim as primeiras colheitas de batata nova, salvo casos esporádicos acidentais, verificam-se no mês de Abril. A antecipação para a segunda metade do mês de Março é susceptível e de se conseguir nas zonas mais temporãs desde que se empreguem variedades de ciclo muito curto e devidamente pré-abrolhadas.

Objectivos da cultura

Em alguns países a cultura da batata faz-

-se para fins industriais, como por exemplo para a extracção de fécula ou para o fabrico de álcool. Para tal, usam-se variedades adequadas que são também utilizadas na alimentação do gado pelo elevado teor de amido que possuem.

Entre nós cultivam-se exclusivamente as variedades de mesa, aproveitando-se apenas os tubérculos pequenos na alimentação de porcos e de criação.

Procuram-se normalmente as variedades mais resistentes às doenças; que dêem maiores rendimentos em tubérculos de boas dimensões, uniformes, de bela forma, sem olhos profundos nem muito numerosos, que tornam o descasque difícil e com maiores perdas; de bom poder de conservação; suficientemente ricos em amido; de polpa amarela, de preferência à branca; não abrindo na cozedura e de bom gosto.

Lugar na rotação

Entre duas culturas de batata no mesmo terreno devem medear pelo menos três anos, principalmente por razões de sanidade. Assim uma rotação em que entre esta espécie deverá ter pelo menos quatro anos. Dada



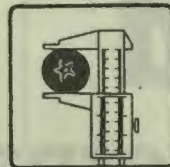
a sua exigência de um solo profundamente mobilizado e a sua característica de cultura sachada, portanto tecnicamente melhorada, a batateira vem, frequentemente, à cabeça da rotação antecedendo um cereal, como rego o trigo. A fórmula quadrienal sachada-cereal-leguminosa-cereal é uma das mais seguidas. A leguminosa pode ser, com vantagens, um trevo e o cereal de fecho novamente o trigo ou, em terras um pouco mais fracas, a aveia.

Emprego racional dos fertilizantes

Os fertilizantes orgânicos e os adubos minerais são essenciais à cultura da batateira. Os primeiros são utilizados principalmente para manterem o solo em boas condições, particularmente de estrutura, indispensáveis à formação normal dos tubérculos. São também fonte de azoto, como é do conhecimento geral, e portadores de elementos mínimos, alguns dos quais, como o magnésio, desempenham papel importante no bom desenvolvimento das plantas.

No início da cultura, logo após a sementeira, as plantas começam a exportar, isto é, a retirar da terra, grandes porções de minerais. Estes devem, assim, estar sob forma de fácil absorção, ao dispor da planta desde tenra idade.

## CALIBRADORES DE FRUTA



### MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)



# FUTEBOL

Por JOÃO PEDRAS

Últimos resultados:

Fão, 4 - Cervães, 0; Gavião, 2 - Fão 0; Fão, 0 - Lousado, 0; Fão, 1 - Estrelas de Faro, 1.

**FÃO, 4 — CERVÃES, 0**

Bom jogo de futebol onde o adversário, talvez por ter sido o primeiro a infligir a primeira derrota ao Fão, e logo por 5-2, viesse convencido de que também aqui seria canja. Fizeram mal as contas. O terreno estava óptimo para a prática de futebol diferente daquele que o Fão encontrou quando lá foi, em virtude da invernia que se fez sentir. O certo é que Fão caprichou e a desforra foi convincente.

No nossa opinião a equipa foi neste jogo o que realmente vale. E que bem que jogou o Graçal Marcou e deu a marcar a confirmar aquilo que já tínhamos dito dele. Pena é que não possa fazer todos os jogos por obrigações militares.

★

Com a terceira derrota da época e mais dois empates seguidos em casa, a 2.ª volta não tem sido de todo positiva se a compararmos à excelente 1.ª. Apesar de neste momentos termos cedido o primeiro lugar ao Apúlia, com um ponto de diferença, não achamos que seja caso para alarme. A nossa opinião continua a ser a mesma: a equipa é composta por elementos com bastante habilidade. É certo que já a vimos mais entrosada e mais confiante. Mas isso são fases por que passa qualquer equipa. Se até isso acontece às da alta competição, porque não há-de acontecer no futebol regional? Portanto, continuamos a acreditar na subida à 1.ª, esperando que este nosso optimismo seja um desanuviamento para os mais pessimistas que já começam a ver todos os adversários próximos do Fão. Dessa maneira até nos fazem acreditar que neste campeonato só há primeiros e que o meio da tabela e os últimos não existem.

Queremos lembrar que isso cria mau ambiente e é prejudicial à equipa.

A ver vamos.

## CANOGEM

Deslocaram-se a Óbidos no último domingo do mês, cerca de 30 canoístas que obtiveram muito

bons resultados. Trata-se duma modalidade que os fangueiros deveriam ajudar decididamente.

## COLUMBOFILIA

O desporto em Fão não se resume só a Futebol e à canoagem. Também há columbofilia e «os nossos pombos» não têm deixado os seus créditos em mãos alheias.

No próximo número daremos informes mais detalhados. Assim nos prometeram os seus responsáveis.

## FALECIMENTO

Faleceu no fim do mês passado o nosso conterrâneo João Alberto de Araújo Ferreira que durante muitos anos residiu em França.

Foi sepultado no cemitério de Fão.

A família enlutada, os nossos pêsames

## SNACK-BAR PINHAL DA FOZ

Com nova gerência de Edgar Mendanha, reabriu este estabelecimento no Aldeamento Pinhal da Foz, em Esposende.

Está aberto até às 2 horas da manhã.

Ao bom amigo Edgar desejamos felicidades.

## CONVOCATÓRIA

*Convocam-se todos os sócios da Cooperativa Cultural de Fão para a Assembleia Geral Ordinária a reunir em 21 de Abril p.f., nas Escolas Amorim Campos, pelas 15 horas.*

## DO BRASIL

Vinda do Brasil encontra-se entre nós a conterrânea Maria Belmira Carneiro Neto, filha do nosso presado assinante Manuel Neto, o Manuel do Coxo, que foi um bom *half*, nos tempos saudosos em que o Fão se batia com as Pedreiras em futebol.

# O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarinho  
José Ramos da Silva  
José Ferreira Neves  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 9614-75 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

## PAINEL ELECTRÓNICO

Foi instalado na fachada do Clube Fão-zense um painel electrónico que fornece indicações diárias de índole local sobretudo. Um dos slogans utilizados incide sobre a limpeza de Fão.

A iniciativa pertence à Junta e foi bem recebida pelos locais.

## DOENTES

Já se encontra praticamente restabelecida a nossa conterrânea Hironidina Ferreira Lopes que no hospital de Fão foi submetida a uma intervenção cirúrgica.

— Numa casa de Saúde do Porto foi submetido a uma operação o nosso amigo e assinante Manuel Rocha.

— Também numa clínica da Póvoa foi operada a nossa conterrânea Maria do Céu Martins Sobral.

A todos desejamos um pronto restabelecimento.

## ZÉ BARBEIRO

Se quer um corte à francesa, vá ao Zé Barbeiro

Se quer uma barba bem escahoada, Zé Barbeiro

Se quer estar em dia com as notícias da terra, vá ao Zé Barbeiro

Se quer ser assinante deste jornal, Zé Barbeiro.

## ESTILISTA FANGUEIRO

Depois de frequentar o CITEN, na cidade do Porto, acabou o curso de estilista o jovem fanguero Rui Manuel da Silva Carneiro.

Na última sexta-feira, 6 de Abril, realizou-se no Coliseu do Porto um show de modas onde se exibiram entre outros oito manequins que apresentaram modelos concebidos por aquele conterrâneo.

As nossas congratulações.

# ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA  
MÉDICA

• LENTES DE  
CONTACTO

• APARELHOS  
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12  
4700 BRAGA ☎ 7 57 77



# DICIONÁRIO DO CÃO

Por DINIS DE VILARELHO

Barco do Cão — *Cão noa*  
 Cão que escreve com a esquerda — *Cão nhoto*  
 Transporte do Cão — *Cão mioneta*  
 Cão ecológico — *Cão pista*  
 Cão do Canadá — *Cão nadiano*  
 Cão com velas — *Cão delabro*  
 Pancada de Cão — *Cão nelada*  
 Cão alegre — *Cão tente*  
 Cão que faz contas — *Cão tabilista*  
 Cão cantor — *Cão nário*  
 Cão motorista — *Cão dutor*  
 Cão picheleiro — *Cão nalizador*  
 Cão de frigorífico — *Cão gelado*  
 Cão guerreiro — *Cão quistador*  
 Cão casado — *Cão juge*  
 Cão duma parte da terra — *Cão tinente*  
 Cão actual — *Cão temporâneo*  
 Cão do campo — *Camponês*  
 Cão bandido — *Cão nalha*  
 Cão fadista — *Cão cionista*  
 Cão político — *Cão didato*  
 Cão luminoso — *Cão deeiro*  
 Cão que perdoa pecados — *Cão fessor*  
 Lei do Cão — *Cão stituição*  
 Cão da mesma família — *Cão sanguíneo*  
 Cão de funerais — *Cão galbeiro*  
 Cão que anda com dua patas — *Cão guru*  
 Cão que trabalha nas estradas — *Cão toneiro*  
 Cão do convento — *Cão frade*  
 Cão ferroviário — *Cão boio*  
 Cão que vai à fonte — *Cão taro*  
 Cão da sopa — *Cão ja*  
 Cão que corta — *Cão nivete*  
 Cão de ópeta — *Cão tortia*  
 Cão do jardim — *Cão teiro*  
 Livro do Cão — *Cão pêndio*  
 Cão com gripe — *Cão stipado*  
 Torre do Cão — *Cão panário*  
 Salto de Cão — *Cão balhota*  
 Cão que fala muito — *Cão ferencista*  
 Cão da escola — *Cão tínio*  
 Cão com assento comprido — *Cão napá*  
 Cão que vive na Câmara — *Cão marário*  
 Roupa de Cão — *Cão misola*  
 Cão que gasta muito — *Cão sumidor*  
 Cão diplomata — *Cão sulado*  
 Lugar onde cão recebe — *Cão sultório*  
 Cão que participa — *Cão corrente*  
 Cão reparado — *Cão sertado*  
 Cão da porta — *Cão painba*  
 Cão que ganha a corrida — *Cão peão*  
 Cão que faz música — *Cão positor*  
 Cão banqueiro — *Cão bista*  
 Cão que muda de cor — *Cão maleão*  
 Amizade dos Cães — *Cão maradagem*  
 Arma do Cão — *Cão nboteira*  
 Cão que come pessoas — *Cão nibal*  
 Cão das festas — *Cão junto*  
 Cão natural de Caná — *Cão naneu*  
 Verão do Cão — *Cão nícula*  
 Cão com diploma — *Cão nudo*  
 Cão maestro — *Cão certo*

Cão esticado — *Cão prido*  
 Cão com freguesias — *Cão celbo*  
 Cão infiel — *Cão cubino*  
 Cão de orquestra — *Cão trabaixo*  
 Cão da má vida — *Prostituí Cão*  
 Cão moderno — *Cão putador*  
 Cão avô — *Cão zarrão*  
 Bando de Cães — *Cão bada*  
 Final do Cão — *Cão clusão*

## Comissão de festas em honra do Senhor Bom Jesus

(Continuado da pág. 1)

tende levar a cabo mais uma vez as célebres festividades em honra do senhor Bom Jesus de Fão, que este ano terão lugar nos dias 20, 21, 22 e 23 de Abril.

Pretende-se ainda efectuar Magestosa Procissão da Venerada imagem do Senhor de Fão, no dia 6 de Maio, dando continuidade a uma tradição tão querida ao coração de todos os Fangueiros e Amigos da Nossa Terra.

Esta circular tem ainda o intuito de apelar ao bairrismo e devoção de todos os Fangueiros e amigos para que este ano as festividades tenham ainda mais brilho.

A Comissão solicita a todos o envio da generosa contribuição o mais breve possível para que possa dar início aos seus trabalhos.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos a Comissão:

*Oscar Hernâni Gomes Viana, Belmiro Cândido Gomes Viana, José Ferreira Lima, Marco Aurélio Fonseca da Silva, António Eduardo de Oliveira Viana, Arménio Graça da Silva, Luís Gomes Viana, António Barbosa Rodrigues, Jorge Silva Viana, António Pereira Ribeiro, António Gomes Viana, Emídio Miranda Saraiva, Belmiro Silva Viana, Delfino da Silva Passos, Artur Antunes Pimenta, José Ant. Faria Gomes e Armando Rebelo Pita.*

## Nova Ponte de Fão

A sul da nossa freguesia, mais precisamente, no lugar da Barrosa, vai iniciar-se a nova ponte sobre o Cávado, com o comprimento de 516 metros e que terminará em Gandra. Insere-se na nova variante que começa na Apúlia e acaba em S. Bartoloneu do Mar.

A construção da obra foi entregue à Sopol. O custo eleva-se a 640 mil contos e o «prazo de entrega» está calculado para 600 dias.

Há gente que tem medo da nova ponte. Fão ficará mais isolada. Saibamos nós valorizar a terra e progresso revierá au galop.

O auto da adjudicação realizou-se no Salão Nobre da Câmara de Esposende, no dia 9 de Março, com a presença do Ministro Oliveira Martins.

## Humor Fangueiro

Como todos nos lembramos da escolinha, a maior parte das palavras portuguesas começadas por *al* têm origem árabe, tais como *alface*, *almotolia*, *alfândega*, *Algarve*, *alfoz*, *alfobre*, *alferes* e muitas mais. Por outro lado, todos temos na memória que em Fão, quando se fala em *Agonia* ou *mestre Agonia* isso quer dizer *alfaiate*, exactamente porque o *mestre Agonia* que nós conhecemos foi entre nós um *alfaiate* de certa nomeada. A certa altura as palavras entram em *sinédoque* e as pessoas quase deixam de fora a designação profissional para apenas referirem o nome. Aconteceu um caso igual com o *Custódio* que foi em Fão *barbeiro* durante muitos anos. De tal modo o uso da troca do nome entrou em acção que quando as pessoas iam ao *barbeiro* diziam: «vou ao *Custódio*». Aconteceu até que uma rapariga das *Pedreiras*, interrogada sobre qual era a profissão de um namorado duma sua prima, respondeu simplesmente: «É *custódio* no Porto». Efectivamente o que ela queria dizer é que o tal namorado era *barbeiro* na cidade tripeira.

Pois o humor fangueiro, personalizado neste caso pelo *Curico*, perguntou há dias ao dr. *Carvalho*:

— Sabe como é que se diz *alfaiate* em árabe?  
 — ???  
 — ALGONIA...!

## CARTAS AO DIRECTOR

Senhor Armando saraiva

Meus cumprimentos.

Quando meu irmão, Alberto da Costa Lopes, aí esteve, teve a gentileza de fazer-me uma assinatura de «O Novo Fangueiro que recebo até hoje. Perguntei-lhe até quanto ia a dita assinatura e ele me disse que não sabia. E eu não quero que se interrompa essa amabilidade de eu estar ligado a Fão, terra onde nasci e que em 1928 troquei pelo Brasil.

Assim, eu queria que me informasse quando devo renovar minha assinatura e de que modo, visto que, no Brasil, o câmbio é controlado pelo governo e a remessa de escudos fica muito difícil.

Valho-me da oportunidade para felicitar-lo pela edição desse órgão que mantém fangueiros como eu ao par do que a contece na nossa terra tão querida.

Inácio Lopes

N.R. — Isso aconteceu há dois anos. Foi paga a assinatura de um ano. Aproveite a vinda de qualquer patrício para pagar. Satisfeito com as suas palavras de estímulo.

O NOVO  
 FANGUEIRO  
 FÃO